

VILÉM FLUSSER

A leitura deste volume é uma experiência plurivalente. O leitor não sai inalterado dela. Este fato caracteriza toda grande obra de arte: a obra de arte altera. A alteração plurivalente operada no leitor por este volume será o assunto das considerações seguintes. Será ensaiado um diálogo com Agnon, e será aceite o seu desafio pelo qual Agnon se estabelece como o "nosso outro que nos altera". É óbvio: o diálogo não se dará em igualdade de termos. Agnon falou, e nós respondemos. O diálogo se dará portanto no terreno escolhido por ele. E nesse terreno ele é mestre. O diálogo será entre mestre e discípulo, portanto num clima de humildade, de reverência, mas também de curiosidade e de prontidão para aceitar e rejeitar ensinamentos. Creio que o diálogo entre mestre e discípulo é o próprio veículo de toda tradição, (inclusive da judaica), e seu clima de humildade crítica deve ser portanto caro ao coração de Agnon. Assim espero conservar fidelidade a este volume nas considerações seguintes.

O judaísmo que Agnon articula implícita ou explicitamente neste volume é o chamado judaísmo da "ortodoxia". Mas creio que este termo é totalmente inadequado. "Ortodoxia", (opinião correta), é um termo cristão e designa a cristandade grega. O termo mais adequado para designar o judaísmo de Agnon seria a meu ver "ortopraxis", (comportamento correto). Considerem, por exemplo, o incrível discurso que Agnon pronunciou ao aceitar o prêmio Nobel. Na situação superdesenvolvida dos Bergman e dos suicídios, do tédio de uma aristocracia e de um proletariado aburguezados, da vacuidade existencial de uma sociedade afluyente, Agnon comporta-se corretamente. Pronuncia as bênçãos exatamente corretas, e com certeza o faz com a intonação da voz e com os movimentos do corpo exatamente corretos. A incongruência brutal e chocante entre o comportamento correto de Agnon e sua circunstância inteiramente incorreta é, creio, o núcleo da problemática que Agnon nos lança. Este é, a meu ver, o seu ensinamento: comportar-se corretamente num ambiente inteiramente inadequado a este comportamento. Agnon é um engajado no comportamento correto, a despeito do ambiente, e com despeito ao ambiente. Um judeu "ortoprático" quando mesmo, um judeu camusiano. Um judeu deliberado. Escolheu o judaísmo. E lança este seu judaísmo contra uma circunstância totalmente absurda, insípida e inferior, para dar-lhe valôr e sentido. Esta a tese que procurarei defender no presente trabalho.

Por culpa do malvado Tito nasceu Agnon, (não em Jerusalém), mas na Galícia do império dos Habsburgos. Coloca assim a sua biografia numa visão correta da história dos últimos dois mil anos. Mas é óbvio que Agnon sabe que a interpretação correta não é a única possível. Conhece, por exemplo, a interpretação cristã, e a nazista, e a marxista, e inúmeras outras. Não é como aqueles galicianos, para os quais a culpa de Tito é a única explicação possível do seu "desterro". Para os galicianos autênticos, (dos quais tratam tantos pontos neste volume), existe uma única realidade, com uma única verdade e uma única escala de valores. Toda pessoa sensata sabe que Tito é culpado pela destruição do Templo e pelo desterro do povo eleito. Como toda pessoa sensata

VILÉM FLUSSER

za, sabe que o Messias virá, afim de pôr o mundo na sua devida ordem. Quem o nega ou é ignorante, ou louco, ou simplesmente malvado. Mas Agnon não é sensato. Mas como não é ignorante, nem louco, nem malvado, força-se deliberadamente para ser sensato. Escolhe a realidade, a verdade e os valores dos galicianos como se fossem os únicos possíveis. Recusa as demais realidades como se fossem outras tantas ilusões perigosas. Recusa as demais verdades como se fossem mentiras. Recusa os demais valores como se fossem pecados. Necessariamente: porque admitir realidades múltiplas seria admitir o absurdo do mundo. Admitir verdades múltiplas seria admitir o ceticismo. Admitir uma variedade de escalas de valores seria admitir que tudo é permitido. Agnon não o admite. Não admite que o mundo carece de fundamento, que todo juízo é vão, e que é gratuito todo ato. Para não precisar admiti-lo, escolhe ser judeu. O seu judaísmo passou pelo crivo da dúvida radical, e é uma resposta a ela. Agnon não é como os seus galicianos.

O problema que Agnon propõe é o da diferença entre fé e engajamento. Os galicianos de Agnon têm fé no judaísmo, Agnon engaja-se nele. Qual é essa diferença? Óbviamente tem a ver com o conceito da ingenuidade. A fé é ingênua, o engajamento procura, desesperadamente, sê-lo. Já que o problema nos toca de perto a todos, devemos tentar sorvê-lo. Comparemos pois Agnon com sua Tili do conto "Tehila". O Agnon a ser comparado com ela é aquele após o banquete. Tili, tal qual Agnon, nasceu no ambiente do judaísmo galiciano. Aceita o ambiente, e nunca lhe ocorre sequer a ideia de não aceitá-lo. O ambiente, (os outros, (judeus e não-judeus), e as coisas da cultura e da natureza que a cercam), tem para ela sentido e representa valores. A vida neste ambiente tem significado. E Tili sabe distinguir entre verdade e falsidade, e entre valores positivos e negativos. Conhecer, para ela, é distinguir entre o verdadeiro e falso, e agir é fazer o Bem, ou fazer com que o Mal desapareça. Tili sabe a verdade, mas nem sempre a admite. Sabe o Bem, mas nem sempre o pratica. Este é o seu problema. Não sabe sempre se tem razão, mas sabe sempre que "ter razão" é possível e desejável. A dúvida de Tili, (uma dúvida atroz), é uma dúvida que diz respeito à validade dos seus pensamentos e atos. Põe em questão seus pensamentos e atos. Mas não põe em questão a validade mesma, que é tomada por "objetiva". Deus julgará objetivamente seus pensamentos e atos. A dúvida de Tili, por terrível que seja, não é radical ao ponto de atingir o fundamento. Tili ignora que o próprio fundamento pode ser duvidado. Não descobre, por isto, que o seu mundo, com seu significado e seus valores, é um "modelo". E é assim que, creio, podemos definir a fé: é uma dúvida que não atinge a estrutura do seu próprio modelo. Agnon descobriu que o judaísmo galiciano é um modelo. Esta descoberta catastrófica, (que é a perda da fé), faz com que o homem caia fóra do seu modelo. O homem se perdeu. Doravante passará sua vida procurando encontrar-se. A sensação da perdição, (que é a perda do senso da realidade, do sentido e do valor), permanecerá doravante a sua vida. O homem agora contempla o seu modelo de fóra. E vê, ao lado do seu, outros modelos. Uma multiplicidade de modelos a perder-se à vista. Da sua posição desesperadamente distanciada pode ele agora comparar

VILÉM FLUSSER

lhes as estruturas. Pode construir meta\_modelos que abranjam vários modelos. E pode construir meta\_modelos dos meta\_modelos. Assim, numa regressão ao in finito, pode subir a escada cujos degraus apontam o nada. Uma vertigem meta\_física se apodera do homem. O homem treme de um frio nefasto. Nas palavras de Nietzsche, "desde que matamos Deus todo dia está ficando mais frio". Nesta loucura do ensimesmamento radical o próprio "simesmo" é descoberto como abismo sem fundo. É por procurar-se que o homem se perde sempre mais nesse abismo. Nas palavras de Kafka, o homem passa a sua vida combatendo o seu desejo de acabar com ela.

Mas é possível inverter essa descida, (ou ascensão), nefasta. É possível interromper o processo do ensimesmamento. É possível lançar-se, deliberadamente, com os dentes cerrados, para dentro de um dos modelos tão loucamente "superados". Escolher um dentre eles e empenhar-se no modelo assim escolhido. Já que o homem não pode encontrar-se a si mesmo dentro de si mesmo, (dada a sua falta de fundamento), pode encontrar-se a identificar-se com um modelo deliberadamente escolhido. Todos os modelos são equivalentes. São equivalentes, já que coincidem em determinados meta\_modelos. O judaísmo, o marxismo, o catolicismo coincidem em determinados meta\_modelos, e se não coincidem, posso construir meta\_modelos de meta\_modelos para fazê-los coincidirem. Não importa portanto qual o modelo que escolho para engajar-me nele. E já que não importa, escolhe Agnon o mesmo modelo que abandonou a ter-se perdido: o judaísmo. Esta identidade do modelo abandonado com o modelo escolhido torna tão ambivalente a sua decisão, e a sua obra. Se Agnon tivesse escolhido o catolicismo ou o marxismo a crítica da sua obra teria sido mais fácil. Mas escolheu o judaísmo. A gratuidade da decisão permeia a sua obra, mas igualmente a permeia um judaísmo autêntico, resíduo da fé perdida e "superada". Esta é pois, a meu ver, a definição do engajamento: a tentativa desesperada de forçar uma fé e uma ingenuidade definitivamente perdidas. Por isto fé e engajamento, embora tão semelhantes em suas manifestações externas, são tão distintas em seu clima: a fé se dá contra um fundo indubitável, o engajamento contra um fundo absurdo.

Creio que isto explica a sensação que nos invade na leitura de Agnon. Mas não a explica toda. Para aprofundarmos a nossa visão, devemos considerar a estrutura do judaísmo como modelo, e mais especificamente do judaísmo "ortodoxo", (aquele que proponho chamar de "ortoprático" para captar-lhe melhor o funcionamento). Uma palavra caracteriza esse modelo: o rito. A vida judaica é uma vida ritual, tomada como um todo, e tomada em todos os seus detalhes. Procuremos iluminar um pouco o conceito do rito. É ele todo movimento que se dá em espaço sacro, e sacraliza tudo que movimenta. A vida judaica, por ritual, é uma vida sacra, e sacraliza tudo que toca. Mas o termo "sacro" é ambíguo e necessita de esclarecimento. Para os gregos, por exemplo, o termo tem significado inteiramente diferente daquele que tem para os judeus. O sacro, para os judeus é o fundamento sobrenatural e extranatural que fundamenta a natureza, mas também a pervade e nela irrompe. A rigor, sacro é Deus e sacro é o sábado, essa interrupção do tempo histórico e ruptura na natureza. O rito judeu se dá no espaço

VILÉM FLUSSER

Divino e sabático do sobrenatural, e é neste sentido que sacraliza. Todo ato individual judaico, e a vida judaica toda, são sacrifícios que superam a natureza. O rito judaico sacrifica a natureza, e é neste sentido que a sacraliza. É este o sentido da sentença fundamental que manda amar Deus "sobre" todas as coisas. A vida como sacrifício, como um "fazer sacro", como um "fazer" portanto, isto é judaísmo. É uma "ortopraxis".

Creio que isto distingue o judaísmo de muitos outros modelos. Salienta o fazer e reprime o saber, salienta o ato e reprime o pensamento. Há um anti-intelectualismo latente no judaísmo, uma tendência latente contra a filosofia. A proibição de fazer imagens não seria, no fundo, uma proibição de fazer ideias? E isto explica, a meu ver, a curiosa praticidade dos comentários sobre comentários que perfazem a literatura da tradição judaica. Digo "curiosa praticidade", porque é uma praticidade em grande parte inteiramente alienada do ambiente sobre o qual a ação deve dar-se. Uma praticidade pouco prática portanto. Um pensamento "terre à terre", onde a terra não é desta Terra. (Como o problema mencionado por Agnon, se devo dizer a bênção sobre uma viagem no início, no transcurso, ou no fim da viagem). Em uma palavra: a praticidade judaica é a praticidade do rito.

Não duvido que Agnon se aproveita, deliberadamente, desta estrutura do judaísmo. A aversão judaica contra toda teoria concorda excelentemente com a visão daquele quem, tendo vivenciado a ociosidade de toda "explicação", abandonou a tentativa de teoretizar o absurdo. E a praticidade anti-prática do rito concorda excelentemente com a visão daquele quem, tendo vivenciado a gratuitidade de todo ato, escolhe agir a despeito de tudo. O judaísmo é como que o modelo ideal para quem não acredita em modelos. Há uma ironia nesta afirmativa, uma ironia talvez tipicamente judaica, uma ironia auto-destrutiva. E ela é um dos aromas da obra de Agnon. Por exemplo o leitor sente o sorriso sardônico toda vez que aparece a fórmula ritual "de abençoada memória" nos textos de Agnon. Mas o sorriso é muito leve. É como que um pisar conspiratório em direção do leitor, imediatamente reprimido. porque o engajamento, para ser engajamento, deve ser de corpo e alma, embora permita pequenas aberturas em direção do horizonte absurdo, contra o qual a decisão para o engajamento se deu. E creio que isto explica outro aspecto da sensação que se apodera de nós na leitura deste volume.

E há mais um elemento a ser considerado, e este tem a ver com o conceito da fidelidade. O engajamento de Agnon em prol do rito judaico é um assumir consciente e deliberado de um destino que caracteriza um grupo, (um "povo"), em cujo meio Agnon foi lançado ao nascer, portanto absurdamente. É portanto um assumir-se. Um guardar fidelidade ao próprio destino, que é o destino do "povo", um "amor fati" nietzscheano. Mas já que é um assumir-se deliberado, há nele também uma pontinha de ironia. Como naquela história tipicamente judaica, pela qual orgulho me de ser judeu, porque sem orgulho também seria judeu. E que fidelidade e fé, ("fides", "emuná"), são quase sinônimos, e se perdi uma, não poderei jamais reconquistar autenticamente a outra. Não posso assumir um

VILÉM FLUSSER

destino, porque se pudesse, não seria destino. Neste ponto, nas declarações repetidas de Agnon de fidelidade ao povo e a Jerusalém, aparece mais claramente a trágica ambivalência da posição por ele assumida.

Este é pois, a meu ver, o ensinamento de Agnon: O mundo é absurdo, não tem sentido, e tudo nele é permitido. E toda tentativa de encobrir o absurdo e procurar dar sentido e valor ao mundo é equivalente, (isto é isenta de valor e sentido). Mas esta descoberta é intolerável. É intolerável, porque, a despeito de tudo, existem modelos. Por exemplo o meu modelo. O meu modelo é, por acaso, o judaísmo. E, por acaso, (acaso feliz), o judaísmo é um modelo que, irónicamente, nega todos modelos, (inclusive a si próprio), por ser um modelo cuja estrutura é o ritual do sacrifício, portanto o absurdo. Pois eu, Agnon, me engajo nele. Assim conservo fidelidade a mim mesmo e aos meus, e, simultaneamente, posso salientar o absurdo de tudo. Por exemplo, posso, ritualmente, pronunciar a bênção sobre o rei da Guécia ou sobre um pão inteiro num restaurante kafkiano. Respondi ao absurdo com o absurdo. E, num cantinho do meu Ser, conservo a esperança, restinho de fé perdida, que, afinal, o absurdo é Aquele inteiramente outro que se manifestou, outrossa, no monte Sinai, ao nosso Mestre.

Não resta dúvida que a leitura de um ensinamento assim abala. A digestão desta mensagem exige tempo. Surgem várias perguntas. Por exemplo: será Agnon uma resposta a Camus, ou será ele um Camus menos radicalizado? Será Agnon um judaísmo atualizado, um judaísmo post Wittgenstein, ou será um deliberado anacronismo? Serão os contos de Agnon ponteiros do futuro, ou lápides nas nossas sepulturas? Ido ou Eixam? As perguntas, (estas e inúmeras outras), ficam suspensoas. Mas uma coisa é certa: com este volume assume a nossa luta, (a luta de cada um de nós), pela conquista da identidade, de um senso de realidade e de valor, uma dimensão nova. Ficamos alterados. E não é necessário alterar-se para identificar-se?

(inserir entre o 1º e 2º parágrafo da página 5)

O problema da fidelidade ao judaísmo provoca, no leitor, uma reação talvez não inteiramente pretendida por Agnon. É a seguinte: O judaísmo é um modelo, e Agnon o prova. Todo modelo projeta um mundo. Neste sentido é "universal" todo modelo. Mas existe um outro sentido da palavra "universal", que é este: um modelo é universal quando aberto para todos. Não creio, (e Agnon o prova), que o judaísmo seja um modelo universal neste segundo sentido. Em outras palavras: O judaísmo é universal, porque explica tudo, mas não é universal, porque não todos podem ser judeus. Nisto distinguese de modelos como o são o freudismo, o marxismo ou o catolicismo. Há um momento paroquial, restritivo, segregacional no judaísmo, o momento nacionalista. Por isto é o problema da fidelidade ao judaísmo diferente do problema da fidelidade a um modelo aberto. A fidelidade ao judaísmo implica uma decisão para a segregação e para o separatismo. A consequência disto é que Agnon tem duas classes de leitores: judeus e não\_judeus. Isto não se dá com escritores católicos ou marxistas. Todos os seus leitores são católicos, (ou marxistas), potencialmente, e o escritor se esforça <sup>por</sup> ~~em~~ efetiválos. Dado o separatismo do modelo judeu, Agnon pode efetivar apenas os seus leitores judeus. O diálogo que Agnon estabelece com seus leitores é pois ambivalente. Procurarei considerar primeiro a sua valência para leitores não\_judeus.

O engajamento de Agnon num modelo inacessível para mim, (não\_judeu), é uma demonstração clara da gratuidade de todo engajamento. Agnon escolheu o judaísmo como que para provar que não importa qual a decisão, desde que seja tomada. O mundo passa a ter sentido e a ter valor, desde que eu tome uma decisão qualquer e viva de acordo com ela. Se Agnon tivesse escolhido o marxismo, a gratuidade da decisão não teria sido tão óbvia aos olhos do leitor não\_judeu. O judaísmo, (que eu não posso escolher), dá sentido e dá valor ao mundo, como dará sentido e valor qualquer modelo aberto à minha escolha. O convite que Agnon me estende é este: escolha e viva de acordo com tua decisão tomada. Não te entregue ao absurdo.

Mas nisto o convite de Agnon não se esgota. Inclui um apêlo para a humildade. Diz isto: Descobrí que o mundo dentro do qual fui lançado ao nascer é modelado. Perdí a fé nele. Mas isto não é motivo para orgulharme. Pelo contrário, é motivo para envergonharme. Excedíme na dúvida, e agora estou pagando pelo meu excesso. O pagamento que devo fazer é redobrar os meus esforços para reintegrarre no meu mundo perdido. Isto significa "identificarme". Perder o falso orgulho da superação, e voltar até as raízes. A volta até as raízes é a radicalidade que Agnon recomenda. Neste sentido a fidelidade de Agnon a Jersualém diz respeito a mim, não\_judeu. É a volta até as raízes. Até as minhas raízes. Não leio Agnon como um escritor folclórico que descreve os costumes exóticos de um grupo estranho. (Agnon se insurge, e com razão, contra uma interpretação folclórica do judaísmo). Leio Agnon como um mestre que ensina a radicalidade da identificação na humildade. É assim que eu, leitor não\_judeu, posso estabelecer diálogo com Agnon.

VILÉM FLUSSER

Resumindo, Agnon demonstra ao leitor não\_judeu os dois aspectos fundamentais da sua filosofia: todo modelo é equivalente, e já que é assim, procure reintegrar-te no teu modelo original, no qual ancoram as tuas raízes. Procure identificar-te. Se agirás assim, serás digno aos teus próprios olhos, e aos olhos dos outros. O leitor não\_judeu pode concordar ou não com este convite. Mas não pode ignorá-lo depois da leitura deste volume. Agnon diz respeito, intimamente e vivencialmente, ao leitor não\_judeu.

Para o leitor judeu a valência do argumento com Agnon é outra. (Imagino que no original hebraico o seu impacto é muito maior que na tradução portuguesa.) Para este leitor, Agnon diz isto: Eu sou velho. Ainda me lembro do tempo, no qual o mundo tinha valor e sentido. (Do tempo, no qual "a Torá era estudada pelo amor a ela".) Lembro-me da cidade galiciana, desse tecido sacral e ritual denso, entre cujas malhas não penetrava a vivência do absurdo. E lembro-me como pairava, por cima da cidade galiciana, a outra, a Jerusalém transcendente. Deixei de me integrar na primeira, e perdi a fé na segunda. Isto porque subi até Jerusalém terrestre, e porque vaguei pelo mundo profano, raso e chato. É provável que tu, leitor, estás ou em Jerusalém terrestre, ou no mundo profano. Siga-me, pois eu decidi voltar para casa. A volta não é fácil. A cidade galiciana sumiu. Jerusalém transcendente está encoberta por Jerusalém terrestre. E, cá entre nós, se existisse ainda a cidade galiciana, não nos integraria. E Jerusalém transcendente era um sonho do qual acordamos. A volta não é fácil. Mas é possível. Porque não é volta, mas avanço. Construamos o tecido da sacralidade, do rito e do sacrifício, em outro nível. Como negação do mundo profano, e como sacralização da Jerusalém terrestre. Façamos deliberadamente, o que outrora fazíamos, nós e os nossos antepassados, espontaneamente. Fijemos e emendemos deliberadamente o fio da tradição cortado e rasgado, (não tanto pelas catástrofes recentes), mas pela dúvida nihilista que caracteriza o século vinte. Isto é possível, (embora difícil), mas é também necessário, a menos que nos deixemos cair no abismo do absurdo. Redescubramos, deliberadamente, Einam, e se necessário inventámo-lo afim de poder descobri-lo.

Sem dúvida, há em tudo isto, para o leitor judeu, um elemento de saudosismo. E há uma pontinha, (perigosa, a meu ver), de nacionalismo. Mas as premissas agnonianas são dificilmente negáveis. A sua diagnose da nossa situação é acertada. Somos estrangeiros no sentido camusiano. Somos estrangeiros como existências lançadas em ambiente absurdo. Mas somos estrangeiros também como judeus exilados da fé, como ex\_judeus. Somos o protótipo do estrangeiro. É por isto que vivemos em mundo tão estranho, tão kafkiano. Algo está profundamente desafinado, ("da stimmt etwas nicht"), para recorrermos a um termo heideggeriano. E, sem dúvida, Agnon tem razão ao demonstrar nos isto.

Terá ele razão também com a terapia proposta? E, supondo que tem razão, será ela honestamente viável? A pergunta que lanço é esta: A dificuldade da volta (ou do avanço) rumo a um judaísmo "ortoprático" será apenas a dificuldade do "fazer", (inegável), ou não será ainda mais a dificuldade do sacrifício do in

VILÉM FLUSSER  
telecto. Esta é a inquietação, o abalo, a alteração, que o leitor judeu sofre na leitura deste volume. O convite para um sionismo transcendental deliberado não pode ser aceite ou recusado com a mesma facilidade com a qual aceitamos ou recusamos o convite para o sionismo imanente. Toca o nosso íntimo como existências, e não apenas como judeus. Ataca a nossa integralidade, e não apenas a nossa condição judia. Apela, em outras palavras, para a nossa religiosidade, ou para aquele lugar vazio reservado à religiosidade. Agnon diz respeito, íntimamente e vivencialmente, ao leitor judeu. Não sei se Agnon se dá conta, plenamente, do duplo diálogo que estabelece: com não\_judeus e com judeus. Mas se se der plenamente conta da sua duplicidade, a tragédia da sua posição ambivalente é quase insuportável.